

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

21 Fev 2015  
18:00 Sala Suggia

-  
ANO ALEMANHA

**Peter Rundel** *direcção musical*

**Horácio Ferreira** *clarinete*

**Sarah Wegener** *soprano*

1ª PARTE

**Richard Wagner**

Abertura de *O Navio Fantasma* (1839-41; c.10min.)

**Carl Maria von Weber**

Concerto para clarinete e orquestra nº 1, em Fá menor, op. 73

(1811; c.21min.)

1. *Allegro*
2. *Adagio ma non troppo*
3. *Rondo: Allegretto*

2ª PARTE

**Jörg Widmann**

*Labyrinth III*, para soprano e orquestra (2013-14; c.50min.)

Estreia em Portugal; encomenda da Casa da Música, Vara Amsterdam e Westdeutscher Rundfunk

**17:15 Ciber música**

Palestra pré-concerto por **Daniel Moreira**



casa da música

Na impossibilidade de contar com a presença do solista Jörg Widmann, por motivos de saúde, a Casa da Música agradece a Horácio Ferreira a disponibilidade para interpretar o Concerto de Weber, à última hora, com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
MECENAS DAS ENCOMENDAS

**SONAE**

PATROCINADOR OFICIAL ANO ALEMANHA

**Deutsche Bank** 

PATROCINADOR ANO ALEMANHA

**Allianz** 

COM O APOIO DE

**ON.2** O NOVO NORTE  
Associação para o Desenvolvimento do Norte

**OR** OPORTUNIDADES  
DE INVESTIMENTO  
REGIONAL

 UNÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional

**VENHAM**  
+10

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

**RÉSEAU**  
VARESE

 

**reseed**  
RESEARCH AND CULTURE  
EUROPEAN RESEARCH AND  
CULTURE PROGRAM

**REMA**  
RESEARCH AND CULTURE  
EUROPEAN RESEARCH AND  
CULTURE PROGRAM

**EUROPE JAZZ NETWORK**

**ECHO** EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION

**TENSO**

## Richard Wagner

LEIPZIG, 1813 - VENEZA, 1883

### Abertura de *O Navio Fantasma*

Desde a segunda metade do século XVIII que se generalizou a prática de dar a ouvir algumas das melodias e temas principais de uma ópera logo no decurso da respectiva Abertura, como que fazendo um resumo da música ainda por vir, introduzindo-nos à acção dramática e preparando-nos para o seu ambiente expressivo. Na abertura de *Don Giovanni*, por exemplo, Mozart apresenta alguns dos temas musicais da ópera e traça claramente a distinção entre os dois mundos – um cómico, outro trágico – que integram a acção.

O mesmo acontece na Abertura de *O Navio Fantasma*, em que Wagner opõe claramente dois universos – um agitado e tempestuoso, o outro lírico e amoroso –, em estreita articulação com a acção dramática. Trata-se da história do “Holandês voador”, um capitão que, por ter invocado Satã, é condenado – para toda a eternidade – a percorrer os mares no seu Navio Fantasma. De sete em sete anos, porém, é-lhe permitido descer à terra, sabendo que a maldição terminará caso encontre uma mulher que lhe seja fiel. Numa dessas ocasiões, encontra Senta (através do seu pai, Daland), pedindo a sua mão em casamento e dela obtendo o juramento de eterna fidelidade. Contudo, Erik – o anterior pretendente de Senta – encara mal tais juramentos e tenta demovê-la. O Holandês aparece a meio duma conversa entre eles e convence-se, erradamente, de que foi já traído. Acreditando que a sua malfadada sina jamais o abandonará, parte repentinamente.

Desesperada, Senta atira-se então do alto de uma falésia, unindo-se ao Holandês na morte e assim permitindo a sua libertação. Tal como noutra ópera mais tardia – *Tristão e Isolda* – também aqui o amor redime, mas só fora (para além) deste mundo.

Assim, as partes mais agitadas e tempestuosas da música associam-se à trágica (e errante) sina do Holandês, e evocam ainda as tempestades marítimas a que está constantemente sujeito; já as partes mais líricas representam a figura apaziguante de Senta e a redenção do Holandês pelo Amor. Destacam-se, em particular, dois temas musicais, apresentados logo no início da obra: primeiro, uma melodia rítmica e impetuosa nas trompas (e fagotes), acompanhada por desenhos enérgicos, rápidos e instáveis nas cordas – é o chamado “tema do Holandês”; depois, uma melodia doce no corne inglês e no oboé (mais tarde também ouvida noutros instrumentos), acompanhada por sonoridades quentes e delicadas nos sopros – o chamado “tema da redenção”. Depois de uma secção central mais instável, os dois temas principais voltam no final da Abertura, mas com um claro domínio do tema da redenção, agora transfigurado, com um carácter triunfal, representando a vitória dos amantes, reunidos na morte.

A ópera foi composta entre 1839 e 1841, num período em que Wagner vivia em França. Na sua estreia, a 2 de Janeiro de 1843, em Dresden, foi bastante mal recebida. Só mais tarde seria reconhecida, ao ponto de se tornar a ópera mais antiga de Wagner que faz actualmente parte do cânone das salas de ópera (as três primeiras óperas, anteriores a *O Navio Fantasma*, são muito raramente tocadas).

## Carl Maria von Weber

EUTIN (HOLSTEIN), 1786 – LONDRES, 1826

### Concerto para clarinete e orquestra nº 1

Comparado com a maior parte dos instrumentos da orquestra, o clarinete é relativamente jovem. A primeira menção que lhe é feita surge em 1710, em Nuremberga, numa nota de encomenda de um par de clarinetes a um construtor de instrumentos musicais. Pouco depois, entre 1712 e 1715, publicam-se em Amesterdão as primeiras partituras com música para este instrumento. Até 1750, contudo, a utilização do clarinete é relativamente esporádica (apesar de importantes contributos de Vivaldi e Händel). Só na segunda metade do século XVIII é que se dissemina, evidenciando-se os papéis da Orquestra de Mannheim (que teria dois clarinetistas desde 1758) e de Mozart, em especial pelas obras que compôs para o grande clarinetista Anton Stadler. Entre elas destaca-se o Quinteto com clarinete (de 1789) e o Concerto para clarinete e orquestra (de 1791), tendo ambos decisivamente contribuído para o alargamento dos recursos técnicos do instrumento.

O aperfeiçoamento técnico do clarinete continuou no início do século XIX, graças também, em parte, a colaborações entre compositores e instrumentistas: Spohr, por exemplo, trabalhou com o clarinetista Hermstedt; e Weber e Mendelssohn, ambos com Heinrich Baermann. Estas colaborações foram cruciais para o desenvolvimento do instrumento, que cada vez mais passou a ser um membro regular – e mesmo indispensável – da orquestra.

O concerto que hoje ouvimos data deste período, mais especificamente de 1811, ano

em que Weber compôs ainda um segundo concerto. O primeiro concerto, em particular, testemunha a prodigiosa invenção melódica do compositor e a sua capacidade para definir ambientes expressivos contrastantes (ao que não será alheia a sua experiência – e comprovado sucesso – no domínio da ópera). Evidencia, também, a sua imaginação tímbrica e sonora, tanto na exploração dos diferentes registos do clarinete (do mais grave ao mais agudo) como da sua combinação com a orquestra. Especial destaque merece o andamento lento, em cuja parte central Weber combina o clarinete com três trompas: um efeito verdadeiramente original e atmosférico, certamente inédito à data da composição.

De acordo com as convenções, a obra estrutura-se em três andamentos, o primeiro e o último rápidos, o intermédio lento. O primeiro andamento é, de todos, o mais dramático. A introdução orquestral é particularmente impetuosa, sugerindo até um ambiente trágico. O clarinete entra então, lamentoso, mas muda gradualmente de carácter, tornando-se mais activo, brilhante, virtuosístico. Depois disso, o ambiente fica muito mais ligeiro e delicado, com uma melodia doce no clarinete, sobre um pano de fundo discreto nas cordas. E fica, assim, lançado o mote para todo o andamento: uma música feita de constantes contrastes, como se se estivessem apresentando diferentes personagens numa ópera.

O segundo andamento tem uma estrutura ternária (ABA). Na parte A, ouvimos um clarinete lírico e sonhador, sobre um acompanhamento simples nas cordas. A parte B contém dois pequenos episódios, totalmente contrastantes: primeiro, um momento um pouco mais escuro e dramático, com uma escrita mais virtuosística no clarinete; e, depois, a já referida combinação do clarinete com três

trompas (sem dúvida, uma das passagens mais especiais de toda a obra).

O terceiro andamento é, de todos, o mais descontraído. A escrita do clarinete é predominantemente brilhante e virtuosística, acompanhando-a a orquestra em jeito sempre divertido. A meio do andamento, contudo, há uma passagem mais lírica, que dá ainda mais destaque à exuberante alegria da conclusão.

## Jörg Widmann

MUNIQUE, 1973

### ***Labyrinth III*, para soprano e orquestra**

No final da década de 1950 e durante toda a década de 1960, a orquestra foi palco de uma verdadeira revolução. Com as primeiras obras orquestrais de compositores como Ligeti, Penderecki e Lutoslawski, em particular, surgiu uma música completamente nova: uma música de texturas ou blocos de som, em vez de temas ou melodias. *Atmosphères* de Ligeti, por exemplo, começava com uma longuíssima sonoridade, totalmente estática, com intensidade sonora mínima mas densidade máxima (uma nota diferente para cada instrumento). Mais à frente, mantendo sempre um máximo de intensidade sonora, quatro flautins subiam gradualmente até ao extremo do registo agudo e, então, passávamos repentinamente para o extremo do registo grave, com seis contrabaixos. Tudo isso, sempre, sem qualquer vislumbre de melodia. Em suma, trata-se de uma música em que o que conta é o jogo entre diferentes texturas (ou sonoridades), cada uma delas caracterizada por uma determinada cor sonora (em função dos instrumentos utilizados), por ser mais ou menos densa, mais aguda ou mais grave, mais ou menos intensa – e que

nos convida a prestar mais atenção às qualidades intrínsecas dos sons.

Se, a partir dos anos 70, voltaram à orquestra abordagens mais melódicas e tradicionais, esta abordagem textural fez escola e continua hoje a ser importante. Muitos compositores, aliás, combinam as duas. É o caso de Jörg Widmann, compositor ainda relativamente jovem (um dos mais brilhantes da sua geração), muito prolífico e versátil, que estudou com algumas das figuras mais importantes da música contemporânea alemã, nomeadamente Henze, Goebbels e Rihm. Widmann, na verdade, não só se compraz em justapor esses dois mundos contrastantes em certas obras (como *Antiphon*), como também tem obras de carácter mais exclusivamente melódico (como o Concerto para violino) e outras de carácter mais exclusivamente textural (como *Labyrinth III*, que hoje ouvimos, em que quase não há melodias).

*Labyrinth III* começa um pouco como o exemplo citado de *Atmosphères*: uma sonoridade longa e totalmente estática, densa mas suave, neste caso nas cordas (em harmónicos). Depois disso – e repentinamente – a música muda por completo: em vez de contínua, fica descontínua e fragmentada; em vez de uma sonoridade longa em todas as cordas, aparecem intervenções soltas e breves em pequenos grupos de instrumentos ou solistas; em vez de uma simultaneidade densa de mais de 20 notas diferentes, todos os instrumentos, nas suas intervenções sucessivas, tocam a mesma nota. Logo a seguir, à medida que entram outros instrumentos – as harpas e os pianos, primeiro, o banjo e a percussão, depois, os clarinetes, com notas muito graves, mais à frente – a música vai gradualmente ficando mais densa e complexa. Assim funciona esta música: há contrastes e progres-

sões, como na música tradicional, mas não entre temas ou melodias, antes entre texturas ou blocos de som.

Só depois de todos os instrumentos terem entrado, e já vários minutos de música terem decorrido, é que, finalmente, se ouve a voz solista (curiosamente cantando do meio do público). Aliás, apesar de ser solista, a voz intervém relativamente pouco, o que não deixa de ser pouco convencional e surpreendente, só por isso criando uma certa tensão.

Ao longo da obra, a maior parte das intervenções vocais não tem texto, mas apenas vogais ou outros sons (cuja escolha específica é muitas vezes deixada ao critério da executante). Assim, a voz é usada mais pela sua dimensão fonética do que semântica, mais pela sua capacidade de produzir sons (que interagem com os da orquestra) do que de produzir sentidos através da palavra. Mesmo assim, aos poucos, a palavra começa a surgir. Primeiro, repetindo sílabas sem sentido, depois palavras soltas (como “Komm”); no fim, ouve-se enfim uma frase completa: “Eu sou o teu Labirinto”, numa citação de Nietzsche. O texto entra então em ressonância com o título da obra, levando-nos talvez, retrospectivamente, a interpretar a peça como uma longa tentativa, da parte da cantora, de se libertar de um labirinto ameaçador, representado pela própria orquestra. Aliás, esta obra completa uma trilogia de peças intituladas *Labirinto*, evidenciando a importância desta temática para o compositor.

Um aspecto da escrita vocal, contudo, mantém-se sempre inalterado: o virtuosismo. Seja pela velocidade, seja pela utilização frequente do registo extremamente agudo, seja pelos saltos repentinos entre registos opostos, é uma obra que coloca grandes desafios ao intérprete. Sarah Wegener – a soprano que

estreou a obra em 2014 e que a interpreta hoje também – confessou inclusivamente que a peça é “incrivelmente difícil” e que, na estreia, tinha “os nervos em franja”, até pelo pouco tempo que teve para trabalhar a obra. E acrescentou: “Tínhamos tão pouco tempo para trabalhar que Jörg Widmann me ligou e passámos três horas a percorrer juntos a partitura. Praticámos, literalmente, pelo telefone!” (citado em <http://en.karstenwitt.com/magazine>).

Em geral, a obra é bem representativa do estilo de Widmann: pela energia constante da música; pela exploração dos extremos – tanto de registo (sobretudo sons muito graves) como de intensidade; e pela busca de novas sonoridades – até pelo facto de colocar na orquestra instrumentos pouco habituais, como é o caso, nesta obra, do banjo e de dois tipos de cimbalo (um húngaro, o outro bielorusso). Interessante é também o papel especialmente importante do clarinete – com partes verdadeiramente solistas –, da parte de um compositor que é também um clarinetista virtuoso. Widmann é, aliás, dos poucos músicos actuais que combina, ao mais alto nível, uma carreira de instrumentista e compositor.

Esta obra resulta de uma co-encomenda internacional da Westdeutscher Rundfunk de Colónia, do Vara Amsterdam e da Casa da Música, tendo tido a estreia absoluta em Janeiro de 2014, em Colónia, nova execução em Amesterdão, em Setembro, e agora a sua estreia portuguesa.

DANIEL MOREIRA, 2015

## **Peter Rundel** *direcção musical*

A profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par de uma grande criatividade dramática, tornou Peter Rundel um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias. Dirigiu estreias mundiais de produções na Ópera do Estado da Baviera, Festwochen de Viena, Ópera Alemã de Berlim e Festival de Bregenz. O seu trabalho na ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang Mitterer e as estreias das óperas *Nacht* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug – die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes.

Peter Rundel nasceu em Friedrichshafen, Alemanha, e estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov em Colónia, Hanôver e Nova Iorque, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. O compositor Jack Brimberg foi também um dos seus mentores em Nova Iorque. Entre 1984 e 1996, integrou como violinista a formação do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Na área da música contemporânea tem desenvolvido colaborações com o Ensemble Recherche, AskolSchönberg Ensemble e Klangforum Wien. É convidado regular do Ensemble Resonanz, Ensemble intercontemporain e musikFabrik.

Foi Director Artístico da Orquestra Filarmonica Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 tornou-se maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música no Porto, e desde então tem obtido grande sucesso com este

agrupamento em importantes festivais europeus. Com a aclamada produção *Ring Saga*, o ensemble fez digressões em Portugal, França e Luxemburgo na temporada de 2011/12.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo por várias vezes o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy Award. Recentemente recebeu o Carl-Orff Preis (*Prometheus* juntamente com o encenador Heiner Goebbels).

Depois de abrir a temporada de 2014/15 no Festival de Lucerna, Peter Rundel realizou uma digressão a Bruges com a Sinfónica WDR de Colónia, no Outono. Como convidado, dirige também a Sinfónica da Rádio de Viena, a Filarmonica do Luxemburgo e a Sinfónica do Porto Casa da Música, bem como o Ensemble Resonanz, Collegium Novum Zürich, Plural Ensemble Madrid, AskolSchönberg Ensemble (numa digressão pela Holanda e Bélgica) e musikFabrik, com o qual se apresenta no Concertgebouw de Amsterdão. Será retomado o bem-sucedido projecto *Massacre* (Wolfgang Mitterer) com o Remix Ensemble. Irá também dirigir a estreia mundial da nova ópera de Hèctor Parra, *Wilde*, no Schwetzingen Festspiele.

## Horácio Ferreira *clarinete*

Horácio Ferreira, um dos jovens clarinetistas mais promissores da sua geração, iniciou o seu percurso musical na Sociedade Filarmonica Lealdade Pinheirense aos 8 anos. Estudou no Conservatório de Música de Coimbra (com Henrique Pereira), na Escola Profissional de Música de Espinho (com Luís Carvalho) e licenciou-se na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, na classe de António Saiote. Actualmente aprofunda os estudos em Madrid na Escuela Superior de Musica Reina Sofia sob orientação de Enrique Pérez Piquer e Michel Arrignon. É bolsheiro da Fundación Albéniz, Fundación Carolina e Fundação Gulbenkian.

Obteve diversos primeiros prémios em concursos como o Prémio Jovens Músicos – Nível Médio, Concurso da Costa Azul e “Terras de La Salette”, e foi finalista no Young Artists Competition (Kansas City) e Concurso Internacional “Giuseppe Tassis” (Milão). Recentemente foi galardoado no prestigiado Concours Debussy de clarinete (Paris), com a melhor interpretação da *Première Rhapsodie* de Debussy, e com o 1º Prémio na 28ª edição do Prémio Jovens Músicos – Nível Superior, tendo-lhe sido atribuído também o Prémio Maestro Silva Pereira – Jovem Músico do Ano 2014.

Horácio Ferreira é um dos principais reforços da Orquestra Sinfónica Portuguesa e da Orquestra Filarmonia das Beiras após concurso público. É também membro fundador da Banda Sinfónica Portuguesa e integra a Orquestra XXI. Colaborou com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Clássica de Espinho e com a Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim. Gravou a obra *Submundo*, de Sara

Claro, para a GDA/RDP. Actuou nos Festivais de Guimarães, Espinho, Príncipe de Astúrias e Póvoa de Varzim, Festival de Clarinetes do Dão, Cisternmusic, Festival ao Largo e Congresso Mundial de Clarinete.

Foi solista com a Orquestra de Clarinetes de Almada, Banda Amigos da Branca, Orquestra Príncipe das Astúrias e Orquestra Gulbenkian.



## Sarah Wegener soprano

A soprano anglo-alemã Sarah Wegener é uma artista requisitada nos domínios da ópera, concerto, música de câmara, lied e música contemporânea. Tem sido convidada do Festival Schleswig-Holstein, Festival de Ludwigsburg, Dialoge Salzburg, Tonhalle de Düsseldorf, Alte Oper de Frankfurt, De Doelen de Roterdão, Bozar de Bruxelas, Konzerthaus de Berlim e De Singel de Antuérpia.

Tem desenvolvido parcerias duradouras no âmbito da música contemporânea, ópera e oratória. Cantou *Polyxena* de Louis Théodore Gouvy e estreou-se como Agathe em *Der Freischütz* de Weber com o maestro Michael Hofstetter. Sob direcção de Frieder Bernius, interpretou um vasto repertório de concerto, actuando no Festival de Música de Rheingau (*Cenas de Fausto* de Schumann), Schloss Solitude (Eurídice em *Orfeo ed Eurídice* de Gluck), na Áustria e Holanda (Missa em Dó menor de Mozart) e no Festival Bach em Leipzig (*Lazarus* de Schubert). A sua discografia inclui *Die stumme Serenade* de Korngold para a editora GPO, *Petite Messe solennelle* de Rossini dirigida por Tonu Kaljuste para a Carus e um CD com a Orquestra da Rádio de Estugarda e Heinz Holliger para a Hänssler Classic.

Em 2011 desempenhou o papel principal Nadja na estreia mundial da ópera *Bluthaus* de Georg Friedrich Haas em Bona, que lhe mereceu uma nomeação para “Cantor do Ano” pela revista Opernwelt. A sua colaboração com Haas prosseguiu no Festival SWR de Schwetzingen, em 2013, com duas estreias mundiais – a ópera *Thomas* e uma obra para quarteto de cordas e soprano, *Dido*.

Sarah Wegener começou a temporada de 2014/15 em Colónia, interpretando *ATTHIS* de Georg Friedrich Haas com o ensemble musikFabrik. Após a estreia aclamada da obra *Labyrinth III* de Jörg Widmann, em Janeiro de 2014, com a Sinfónica WDR na Philharmonie de Colónia, apresenta-a com a Orquestra da Rádio Holandesa dirigida por Emilio Pomàrico (Congertgebouw de Amesterdão) e com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Peter Rundel (Casa da Música). Canta as *Quatro Últimas Canções* de Richard Strauss com a Recreation – Grosses Orchester Graz e Michael Hofstetter (Styriarte Graz), e o *Stabat Mater* de Dvořák com a Orquestra dos Campos Elísios, Collegium Vocale Gent e Philippe Herreweghe (Ópera de Dijon). Ainda nesta temporada, estreia-se com a Sinfónica da Rádio de Hamburgo NDR e o maestro Thomas Hengelbrock, interpretando *Dunkle Saiten* de Jörg Widmann, e no Festival RheinVokal 2015 da SWR com lieder de Haas, Schumann e Berg.

## **ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA**

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Midori, Viviane Hagner, Natalia Gutman, Truls Mørk, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Ana Bela Chaves, Felicity Lott, Christian Lindberg, António Meneses, Simon Trpčeski, Sequeira Costa, Jean-Efflam Bavouzet, Lise de la Salle, Cyprien Katsaris, Alban Gerhardt, Pierre-Laurent Aimard ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apre-

sentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados, bem como a diversas acções educativas, incluindo o projecto “A Orquestra vai à escola”, workshops de composição para jovens compositores e a masterclasses de direcção com o maestro Jorma Panula.

A interpretação da integral das sinfonias de Mahler marcou as temporadas de 2010 e 2011. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha e Maria João com David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

## **Violino I**

David Stewart\*  
José Pereira\*  
Radu Ungureanu  
Vadim Feldblioum  
Tünde Hadadi  
Evandra Gonçalves  
José Despujols  
Roumiana Badeva  
Emília Vanguelova  
Ianina Khmelik  
Alan Guimarães  
Vladimir Grinman  
Andras Burai  
Ana Madalena Ribeiro\*

## **Violino II**

Nancy Frederick  
Lilit Davtyan  
José Paulo Jesus  
Mariana Costa  
Pedro Rocha  
Vítor Teixeira  
Francisco Pereira de Sousa  
José Sentieiro  
Domingos Lopes  
Germano Santos  
Nikola Vasiljev  
Paul Almond

## **Viola**

Javier López\*  
Anna Gonera  
Rute Azevedo  
Emília Alves  
Jean Loup Lecomte  
Francisco Moreira  
Mateusz Stasto  
Hazel Veitch  
Biliana Chamlieva  
Theo Ellegiers

## **Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Gisela Neves  
Hrant Yeranosyan  
Bruno Cardoso  
Sharon Kinder  
Aaron Choi  
Vanessa Pires\*

## **Contrabaixo**

Wolfgang Güttler\*  
Joel Azevedo  
Nadia Choi  
Tiago Pinto Ribeiro  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

## **Flauta**

Ana Maria Ribeiro  
Angelina Rodrigues  
Ana Rita Oliveira\*  
Alexander Auer

## **Oboé**

Tamás Bartók  
Eldevina Materula

## **Clarinete**

Luís Silva  
Carlos Alves  
António Rosa  
Gergely Suto

## **Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Pedro Silva  
Vasily Suprunov

## **Trompa**

Eddy Tauber  
José Bernardo Silva  
Hugo Carneiro  
Hugo Sousa\*  
Bruno Rafael\*  
Pedro Fernandes\*

## **Trompete**

Sérgio Pacheco  
Rui Brito

## **Trombone**

Severo Martinez  
David Silva\*  
Joaquim Rocha\*

## **Tuba**

Sérgio Carolino

## **Tímpanos**

Bruno Costa

## **Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira

## **Harpa**

Ilária Vivan  
Bleuenn Le Friec\*

## **Piano**

Luís Filipe Sá\*  
Vítor Pinho\*

## **Guitarrón/Banjo/ Cítara/Bandurria**

Wilhelm Bruck\*

## **Cimbalão**

Olga Mishula\*

\*instrumentistas convidados



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

**mas** PORTO PALÁCIO  
CONGRESS HOTEL & SPA  
OPALUSTROTECERAMICOPORTO

MECENAS CASA DA MÚSICA

**SONAE**

APOIO INSTITUCIONAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL  
SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

 **BPI**